

Já estais saciados! A figura retórico-argumentativa da
ironia no corpus paulinum
*Already ye are filled! The rhetorical-argumentative figure of irony
in corpus paulinum*

Moisés Olímpio Ferreira
Universidade de São Paulo, Brasil
moisesolim@usp.br

Rui Alexandre Grácio
Universidade Nova de Lisboa, Portugal
rgracio@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa a refletir sobre a força enunciativa da figura retórica da *ironia*, que se constitui de um raciocínio argumentativo indireto, mas não menos persuasivo. Ao afirmar o contrário do que realmente se deseja enunciar, ao pôr em destaque uma conclusão diferente daquela que se pretende e suas consequências, ao apontar a absurdidade, a falta de lógica, a contrariedade aos princípios admitidos, estabelece-se uma distância, pelo menos parcial, entre orador e auditório. Partindo de conhecimentos em comum acerca de fatos, normas ou opiniões, e mesmo a respeito das posições pessoais do orador, a *ironia* expõe aquele a quem é dirigida a uma argumentação de forte impacto. Nesse processo, o *lógos* revela as diferenças, os níveis de tensões entre os interlocutores, podendo, como resultado, reforçar as identidades fracas, reduzir as diferenças fortes, ou mesmo, estabelecer o distanciamento definitivo. A presente análise será realizada a partir do ferramental da *Nova Retórica* perelmaniana, observando o papel persuasivo dessa figura retórica nas manobras de influência daquele que a enuncia. Tendo em vista que partimos dos textos escritos em língua grega, a gramática do Prof. Henrique Murachco será o nosso aparato teórico para as traduções em língua portuguesa.

Palavras-chave: nova retórica, argumentação, figura retórico-argumentativa, ironia, discurso religioso paulino.

Abstract: This paper aims to reflect on the *enunciative power* of the rhetorical figure of irony, which constitutes an *indirect argumentative reasoning*, but is no less persuasive. By stating the opposite of what someone really wants to enunciate, to highlight a different conclusion from those someone intended and its consequences, by pointing out the absurdity, the illogic, the opposition to accepted principles, irony establishes an at least partial distance between the speaker and the audience. Based on common knowledge about facts, rules or opinions, and even about the personal positions of the speaker, irony exposes the person to whom it is addressed to an argument having a strong impact. In this process logos reveals differences, levels of tensions among interlocutors and as a result it may strengthen the weak identities, reduce strong differences, or even establish a definitive estrangement. This analysis is based on the concepts of the New Rhetoric of Chaim Perelman, observing the persuasive role of this rhetorical figure in the maneuvers of influence of someone that enunciates. Considering that we studied texts written in the Greek language, the grammar of Prof. Henrique Murachco will be our theoretical apparatus for translations to Portuguese.

Keywords: new rhetoric, argumentation, rhetorical-argumentative figure, irony, pauline discourse religious.

1 Introdução

O presente trabalho propõe um estudo retórico-argumentativo dos excertos em que o apóstolo Paulo se valeu da figura retórica da *ironia* para dirigir-se ao seu auditório. Situamo-nos, por conseguinte, no registo da retórica como persuasão, ou seja, que se centra na análise dos efeitos de influência que o discurso de um orador, utilizando determinadas técnicas, pode colher junto de um dado auditório, e não numa perspectiva interacionista ou, segundo a nomenclatura de C. Plantin, *dialogal*, que considera que uma situação argumentativa tem na sua origem um dístico argumentativo, é composta por turnos de palavra e nela decorre, de forma *bilateral*, a crítica do discurso de um pelo discurso do outro.

A base teórica de que nos servimos para a realização deste estudo encontra respaldo nos conceitos da *Nova Retórica* perelmaniana e em seus

desdobramentos, relativos aos processos argumentativos empregados com vistas às interações racional e passional entre orador e auditório. De fato, escreveu Perelman (1993: 172):

identificando esta [nova retórica] com o discurso persuasivo, que visa a ganhar adesão, tanto intelectual como emotiva, de um auditório, seja ele qual for, afirmamos que todo o discurso que não aspira a uma validade impessoal depende da retórica. Desde que uma comunicação tenda a influenciar uma ou mais pessoas, a orientar os seus pensamentos, a excitar ou a apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, ela é do domínio da retórica.

Tendo em vista que o *corpus* examinado está originalmente escrito em língua grega, a sua tradução para o português se deu a partir do aparato teórico fornecido pela gramática de Henrique Graciano Murachco. A tradução literal que adotamos procura manter as características de estilo e gramática e, por essa razão, ela poderá parecer, em alguns casos, canhestra ou agramatical. Para facilitar a compreensão, aplicamos os seguintes códigos:

- 1 - (parêntese) – opção de tradução. As alternativas de tradução, postas entre parênteses, levam em conta as possibilidades de sentido que o léxico pode proporcionar;
- 2 - [colchete] – texto omitido em alguns manuscritos. Esse símbolo na tradução mantém a mesma apresentação que nos é dada, do texto grego, pela edição do *The Greek New Testament*.
- 3 - {chave} – termo subentendido (real ou possível).

O motivo de partirmos do texto grego não é irrelevante. As traduções “tradicionais” em português – e o cristianismo do Brasil lhes é muito devedor – não satisfazem o leitor mais exigente, pois não são produções cuja intenção seja a de preservar o sentido primeiro do léxico e das funções aspectuais dos verbos que os escritores empregaram. Nessas traduções, é muito comum depararmos-nos com omissões, acréscimos e modificações do texto original, em razão da necessidade de se produzir uma versão mais adaptada à língua portuguesa, e ainda com prejuízos no processo de reconstrução do sentido, em virtude de descuidos no tratamento de certos fenômenos gramaticais¹. Por essas condições, procuramos promover uma leitura mais próxima do dizer original e nela amparar a análise do *corpus*.

A fim de evitar a fragmentação do sentido e proporcionar uma visão contextual mais ampla dos versículos estudados neste artigo, introduzimos, nos *anexos*, excertos maiores nos quais o *corpus* encontra-se inserido.

¹A esse respeito, que extrapola o objetivo deste artigo, remeto a Ferreira (2006, 2009) e a Bittencourt Filho (2003).

2 Fundamentação teórica

Entre os esquemas argumentativos apresentados pelo *Tratado da Argumentação*², que se realizam por processos complementares de *ligação* (cujos esquemas aproximam elementos diferentes e estabelecem entre eles um vínculo de solidariedade) e de *dissociação* (cujos esquemas separam elementos tidos como um conjunto solidário), estão os *argumentos quase-lógicos*. Essa classificação foi-lhes atribuída pelo fato de se assemelharem a padrões da inferencialidade lógico-formal, deles parecendo resultar uma conclusão de tipo matemático, inequívoca e irrefutável. Mas, na realidade, longe de poderem ser compreendidos como argumentos susceptíveis de formalização e de análise formal — com efeito, Perelman escreve que “apenas um esforço de redução ou de precisão, de natureza não-formal, permite dar a tais argumentos uma aparência demonstrativa. . .” (*T.A.*: 219) —, eles são da ordem dos efeitos retóricos, nos quais o que está em jogo não é a validade dos raciocínios, mas a adesão do auditório. É também nesse sentido que Perelman prefere falar, no que diz respeito à argumentação, de incompatibilidade e não de contradição.³

Isso equivale a dizer que a força que os argumentos quase-lógicos possuem, capaz de fortalecer o *êthos*⁴ do orador pela aparência de rigor lógico-dedutivo do seu discurso, mais do que proveniente de raciocínios impessoais, provém, na realidade, de argumentos que exprimem a *perspectiva* de quem discorre, a qual, por sua vez, é uma entre muitas formas possíveis de tematizar e de se posicionar perante o assunto em questão. É, no entanto, conhecido o efeito persuasivo dos estreitamentos focais, ou seja, a condução do assunto para uma formulação que, parecendo sem alternativa, consegue impor o alinhamento propício para concluir de acordo com a resposta pretendida. A *ironia*, pelo contrário, é solidária do perspectivismo, do pluralismo e de uma concepção não proposicionalista da razão: desloca as questões de raciocínio para o âmbito da tomada de perspectiva na abordagem dos assuntos, quebra o monolitismo da consequencialidade lógica, pluralizando o possível e, finalmente, assume

²Doravante denominado simplesmente *T.A.*

³A "a noção de contradição deve ser substituída pela de incompatibilidade" (*T.A.*: 26).

⁴Em nossa transcrição das palavras gregas, preferimos a forma *êthos* (de ἦθος: caráter, modo de ser; com plural *êthe*, de ἦθη) para diferenciá-la de *éthos* (de ἔθος: costume, hábito; com plural, *éthe*, de ἔθη). A relação de uma forma com a outra está no que Platão (*Leis*, 792^e) afirma: “τὸ πᾶν ἦθος διὰ ἔθος” (*todo êthos {é} segundo {um} éthos*). Além disso, procuramos manter a acentuação original de todas as palavras por nós empregadas neste artigo: *lógos*, *páthos*, *dóxa*, *tópoi* etc.

que a retoricidade é inerente à linguagem e ao par questão-resposta que nela é posta em jogo. O interesse, portanto, desses esquemas argumentativos não é atingir a univocidade de interpretações, mas dar à argumentação o feitio dos modos de raciocínio lógico-formais para, assim, aumentar — nomeadamente pela ligação imaginária que comumente se faz entre a ideia de necessidade lógica e o pensamento racional — o seu impacto persuasivo.

Nessa classe estão incluídos diversos raciocínios que apelam para a proximidade com as estruturas demonstrativas, como: a incompatibilidade, a definição dos elementos do discurso, a analiticidade, a tautologia, a regra de justiça, os argumentos de reciprocidade e os de transitividade, a inclusão da parte no todo, a divisão do todo em partes, os argumentos de comparação, do sacrifício, da probabilidade e, ainda, o do ridículo (*T.A.*: 259-350). Não se deve, contudo, perder de vista que a sua utilização é feita como uma forma de tematizar o assunto, e implica uma seleção — a chamada *inventio* — do que parece mais adequado para fazer passar a perspectiva do orador.

Os *argumentos baseados no ridículo*, que são os que nos interessam neste artigo, são comparáveis à noção de *absurdo* da lógica formal, que consiste em chegar a uma conclusão diferente daquela que se pretende por meio da exposição de todas as consequências contrárias à lógica, apontando, assim, a absurdidade, a contrariedade às proposições elementares e fundamentais que regem o rigor do raciocínio. Mas, mais ainda, o ridículo assinala uma divergência de perspectivas e de pressupostos, apontando para o fato de qualquer raciocínio, longe de poder ser considerado em isolamento, remeter sempre para um modo de pensar a partir do qual se desenvolve. Se no raciocínio lógico aceita-se provisoriamente uma proposição “A” para chegar a “não-A” após ter desenvolvido as consequências de “A”,

assim também a mais caracterizada argumentação quase-lógica pelo ridículo consistirá em admitir momentaneamente uma tese oposta àquela que se quer defender, em desenvolver-lhe as consequências, em mostrar a incompatibilidade dessa com o que se crê por outro lado, e em pretender passar daí à verdade da tese que se sustenta (*T.A.*: 235).

Tomemos um exemplo da *Epístola aos Gálatas*. Os judaizantes⁵ concebiam o conjunto *fé /lei* como meio de justificação e, com isso, solidarizavam

⁵ Os *judaizantes* eram judeus convertidos ao cristianismo, que sincretizavam a nova crença aos conceitos e padrões da lei mosaica; eram conhecidos como os que pertenciam ao partido da *circuncisão*.

dois elementos diferentes e independentes cuja *ligação* Paulo veementemente rejeitava.

A ruptura que o apóstolo busca provocar se dá mesmo no âmbito do raciocínio lógico: se o judeu (“nós”), acreditando ser justificado pela lei, se reconhece ainda pecador (“também nos achamos”) para que possa *ser justificado em Cristo*, então, Cristo é revitalizador do erro, pois o que fora justificado torna-se revivificado por causa de Cristo:⁶

εἰ δὲ ζητοῦντες δικαιωθῆναι ἐν Χριστῷ εὐρέθημεν καὶ αὐτοὶ ἁμαρτωλοί, ἄρα Χριστὸς ἁμαρτίας διάκονος; μὴ γένοιτο.

se procurantes sermos justificados em Cristo também nos encontramos {nós} mesmos errados, será que Cristo ministro de erro {é}? {Que isso} não venha a ser! (*Gálatas* 2.17)

E continua. Se o erro está desfeito pela lei, o seu *re*-conhecimento para alcançar justificação “em Cristo” é o *re*-estabelecimento da transgressão:

εἰ γὰρ ἃ κατέλυσα ταῦτα πάλιν οἰκοδομῶ, παραβάτην ἑμαυτὸν συνιστάνω.

pois se as coisas que destruí, essas estou construindo de novo, constituo a mim mesmo transgressor (*Gálatas* 2.18).

Nesse exemplo que apresentamos, Paulo procura mostrar o erro de lógica do pensamento, assinalando as consequências risíveis que ele provoca, a fim de apontar as contrariedades do raciocínio. Como nos ensina o *T.A.*, admite-se uma tese oposta para, por meio das incompatibilidades de suas consequências, chegar à tese que se defende. Nessas condições, permanecer aderente à incompatibilidade é sujeitar-se ao ridículo.

Sob o ponto de vista do auditório, aquele que se atreve “a aderir, ou a continuar a adesão, a duas teses julgadas incompatíveis” (*T.A.*: 234) pode sofrer os efeitos da sanção do ridículo, úteis para demovê-lo desse estado;

⁶Essa interpretação de 2.17, porém, não é única. Pode-se ainda conjecturar um caminho interpretativo que parte de Cristo em direção à Lei: se *nós* (o cristão, em geral, judeu e gentio), *procurando ser justificados em Cristo*, ainda nos reconhecemos (*ainda nos encontramos*) errados e, por isso, necessitamos do apoio das obras da lei, Cristo, então, é ministrante do erro. Nesse contexto, as coisas que tinham sido destruídas (2.18), que tornavam o homem transgressor, são reedificadas pela lei geradora de morte (2.19).

aquele que se opõe e se recusa a aderir, sem razão justificada, a alguma premissa do discurso do orador, pode ter a sua posição enfraquecida ao ser exposto ao ridículo. De fato, quando se trata de situação em que o orador percebe haver (ou que, talvez, possa haver alguma) resistência injustificável às suas proposições, o ridículo poderá exercer efeito sobre a disposição do auditório. Como o poder desse tipo de argumento tem origem na humilhação e nos constrangimentos que provoca, trata-se de um poderoso instrumento de combate às forças resistentes. Notar-se-á, pela forma como a dimensão da sociabilidade é aqui decisiva (perder a face ou salvar a face), que a força do argumento pelo ridículo, mais do que da contradição lógica, deriva do efeito de descredibilização (*êthos*) do discurso do interlocutor perante o auditório.

Sob o ponto de vista do orador, uma afirmação incompatível com aquilo que é aceito, com o que é normal ou razoável, sem justificação adequada, é uma afirmação ridícula. Quando se comete erros de lógica ou de fatos contrários à experiência, ou ainda, quando se enuncia princípios cujas consequências imprevistas⁷ são opostas às concepções estabilizadas, naturais a uma sociedade ou a um grupo, isto é, quando elas entram em conflito com uma *dóxa* tendente ao estático, à não suscetibilidade de renovações, o discurso e o seu orador tornam-se ridículos. É por essa razão que a tradição retórica chamou a atenção para a importância dos lugares-comuns (*tópoi*) como elementos favoráveis para iniciar o contato com o auditório e com ele criar empatia.

Por outro lado, o *argumento do ridículo* pode ser um mecanismo de conservação do que está admitido. Nesse sentido, ele exerce uma força centrípeta que quer evitar o afrouxamento ou o rompimento dos acordos estabelecidos, ou busca, ainda, o redirecionamento, a restauração do acordo que chegou a ser rompido. Qualquer alteração injustificada de opinião, seja do orador, seja do auditório, pode ser motivo de exposição à sua ação.

A expressão da punição que o ridículo impinge é o “riso de exclusão” ou “cáustico” (expressões cunhadas por Eugène Dupréel, em sua obra *Essais Pluralistes*, 1949: 48). Como “normalmente o ridículo está vinculado ao fato de uma regra ter sido transgredida ou combatida...” (*T.A.*: 234), esse tipo de riso é “a sanção da transgressão de uma regra aceita, uma forma de condenar um comportamento excêntrico...” (*T.A.*: 233).

A figura retórica pela qual pode expressar-se é a *ironia*. Partindo de conhecimentos em comum acerca de fatos, normas ou opiniões,

⁷“Dizer de um autor que suas opiniões são inadmissíveis, porque suas consequências seriam ridículas, é uma das mais fortes objeções que se possam apresentar na argumentação” (*T.A.*: 234).

— ... a ironia assenta numa comunidade de inteligibilidade. Sem *contexto*, sem partilha de conotações entre produtor e destinatário, a contradição irónica não poderia eclodir, dado que assenta numa cumplicidade nos lugares-comuns... (Meyer, 1998:126) —

a *ironia* expõe aquele a quem é dirigida a uma argumentação de forte impacto, mesmo que ela, como o próprio edifício retórico de que faz parte, jamais seja coerciva. De fato, é possível se colocar em oposição a uma regra habitualmente admitida e afrontar o ridículo, desde que se tenha capacidade e prestígio para isso, haja vista os riscos desse enfrentamento:

... afrontando o ridículo que é suscitado pela oposição injustificada a uma norma admitida, o orador compromete toda a sua pessoa, solidária desse ato arriscado, lança um desafio, provoca um confronto de valores cujo desfecho é incerto (*T.A.*: 237).

A *ironia* opera em prol da restauração do que era admitido, ou em prol da contenção do processo de ruptura que está prestes a se realizar no *acordo* outrora firmado (e, neste caso, o seu efeito é didático, pois o medo do ridículo e da desconsideração que dele advém podem, de alguma forma, reprimir o ímpeto de seguir adiante). Em qualquer caso importa notar que a *ironia*, mais do que da racionalidade lógica em sentido estrito, está ligada a uma racionalidade sociológica, na qual as matizes culturais e grupais são decisivas nos processos de inclusão e de exclusão social e, correlativamente, nos processos de adesão e de rejeição dos discursos.

Por meio dessa figura retórica se diz o contrário do que se quer dar a entender, mas, embora a sua forma argumentativa seja indireta (a oposição argumentativa que ela estabelece é menos frontal), nem por isso a sua força de persuasão é menor. De fato, é sempre o *ethos* que ela coloca em causa e, com isso, a própria seriedade, ou seja, a credibilidade do discurso.

Em termos de sua operacionalidade, faz-se necessário que o seu uso fique restrito aos casos em que não há dúvidas sobre as opiniões do orador, diferente, portanto, do simples humor. Mais do que isso, trata-se de tropo cuja compreensão depende do conhecimento prévio das posições do orador:

A ironia sempre supõe conhecimentos complementares acerca de fatos, de normas. (...) A ironia, portanto, não pode ser utilizada nos casos em que há dúvidas quanto às opiniões do orador. Isso dá à ironia um caráter paradoxal: se é empregada, é porque há utilidade em argumentar; mas, para a empregar, é preciso um mínimo de acordo (*T.A.*: 236),

e, em mão dupla, é imprescindível ter conhecimento de antemão das condições contextuais do auditório.

Michel Meyer, com sua *Teoria da Problematicidade*, chama a nossa atenção para a ideia de que a linguagem está construída na diferença pergunta/resposta, de modo que cada afirmação feita em relação a um objeto é resposta a questões que não foram necessariamente formuladas explicitamente. Assim, quanto maior for a produção de respostas (entendidas como alternativas de solução), maior será o grau de interrogatividade que atravessará o conjunto das atividades intelectuais.

Nesse processo, o tropo é também uma resposta a uma questão, não de forma literal, mas figurada, e, segundo cada caso, estabelece identidades ou diferenças em gradações bem variadas. Para Meyer (2007: 64-65), trata-se de “uma resposta figurada que traduz uma questão cuja preocupação de encontrar o que a resolve é deixada ao auditório...”. É por isso, aliás, que para Meyer o par implícito-explicito desempenha um papel fundamental nos processos argumentativos.

De sua parte, a *ironia* é a que exige reflexão do auditório para além do conteúdo da resposta que ela lhe oferece, e porta em si mesma, sem apoios outros, valores negativos, pois já é uma figura que se realiza em contexto marcado pela subjetividade (“figura de contexto” —Meyer, 1998: 128) e que indica “uma atitude subjectiva, reflectindo... uma distância entre os sujeitos” (op. cit.: 127). Em outras palavras, no que se refere à diferença problematológica, “em primeiro lugar existe a *ironia*, na qual a identidade é mínima e a diferença é máxima” (op. cit.: 144ss). Dentro dessa definição da retórica dada por Meyer, ou seja, como negociação das distâncias entre indivíduos a propósito de uma questão, o *insulto*, por exemplo, é a forma típica de extremar a distância, ao contrário da *ironia* que pode operar de uma forma mais sutil, jogando com o implícito e com o explícito, numa eficácia descrita por Ducrot (2003: 12) como a capacidade de “... dire quelque chose sans accepter pour autant la responsabilité de l’avoir dit, ce qui revient à bénéficier à la fois de l’efficacité de la parole et de l’innocence du silence”.⁸

⁸ “dizer algo sem contudo aceitar a responsabilidade de o ter dito, o que significa beneficiar simultaneamente da eficácia da palavra e da inocência do silêncio”.

3 Análise do *corpus*

A comunidade cristã da cidade de Corinto⁹ havia enviado a Paulo uma carta contendo uma lista de perguntas. Mas não se tratava de meras dúvidas particulares, e sim o resultado de profundos conflitos internos. Uma das principais era a divergência a respeito do próprio Paulo, de sua autoridade, legitimidade, integridade, competência e também de sua teologia. De fato, parte significativa dessa igreja tornara-se-lhe fortemente antagônica, como é possível verificar nas duas epístolas¹⁰ que chegaram até nós.

Assim, escrevendo para uma comunidade internamente dividida quanto à sua liderança,

—λέγω δὲ τοῦτο ὅτι ἕκαστος ὑμῶν λέγει· ἐγὼ μὲν εἰμι Παύλου, ἐγὼ δὲ Ἀπολλῶ, ἐγὼ δὲ Κηφᾶ, ἐγὼ δὲ Χριστοῦ

Estou dizendo isso, porque cada de um vós está dizendo: Eu sou de Paulo; eu, de Apolo.; eu, de Cefas; eu, de Cristo (*1Coríntios* 1.12) —

Paulo — apesar de ter sido o seu fundador e a esse direito apelar,

ἐὰν γὰρ μυρίους παιδαγωγούς ἔχητε ἐν Χριστῷ ἀλλ' οὐ πολλοὺς πατέρας· ἐν γὰρ Χριστῷ Ἰησοῦ διὰ τοῦ εὐαγγελίου ἐγὼ ὑμᾶς ἐγέννησα

pois se estiverdes tendo dez mil pedagogos (educadores), em Cristo, pelo contrário, não {tereis} muitos pais, pois, em Cristo Jesus, por meio do bom-anúncio, eu vos gerei (*1Coríntios* 4.15) —,

se vê na necessidade de (re)afirmar o seu *êthos*, defendendo-o das depreciações que poderiam invalidar o seu *status*, apoiando-se na condição de sua própria consciência limpa, que ele submete à avaliação de seus leitores:

⁹Quanto aos dados relativos à história e às condições sócio-culturais de Corinto, bem como quanto às origens dos problemas da comunidade cristã ali instalada, há inúmeras obras de referência. Para início de pesquisa, sugiro Crossan and Reed (2005), O'Connor (2004, 2007) e Koester (2005^a, 2005^b, 2007).

¹⁰Crossan e Reed (2005: 302-303) sugerem haver existido cinco epístolas, sendo que *1Coríntios* corresponderia à segunda e *2Coríntios* à quarta e quinta epístolas.

3. ἐμοὶ δὲ εἰς ἐλάχιστόν ἐστιν, ἵνα ὑφ' ὑμῶν ἀνακριθῶ ἢ ὑπὸ ἀνθρώπινης ἡμέρας· ἀλλ' οὐδὲ ἑμαυτὸν ἀνακρίνω

A mim, porém, coisa mínima há, para que por vós {eu} seja julgado, ou por {um} dia {de julgamento} humano; pelo contrário, nem a mim mesmo estou julgando,

4. οὐδὲν γὰρ ἑμαυτῷ σύνοιδα, ἀλλ' οὐκ ἐν τούτῳ δεδικαίωμαι, ὁ δὲ ἀνακρίνων με κύριός ἐστιν

pois de nada tenho ciência (não estou consciente de nada), mas nisso não fui (estou) justificado; aquele que me julga é o Senhor,

5. ὥστε μὴ πρὸ καιροῦ τι κρίνετε ἕως ἂν ἔλθῃ ὁ κύριος, ὃς καὶ φωτίσει τὰ κρυπτά τοῦ σκούτου καὶ φανερώσει τὰς βουλάς τῶν καρδιῶν· καὶ τότε ὁ ἔπαινος γενήσεται ἐκάστῳ ἀπὸ τοῦ θεοῦ.

de modo que, não vades julgando coisa alguma antes do tempo oportuno, até que o Senhor venha, o qual também iluminará as coisas ocultas da escuridão e manifestará as vontades (os designios) dos corações e, então, o louvor virá a ser a cada um da parte do Deus (1Coríntios 4.3-5).

O fato da existência de fortes conflitos internos faz Paulo procurar resolvê-los pela alegação de que não há razões para que alguém queira receber mais honras do que outros, pois tudo o que eles têm foi-lhes atribuído, isto é, nada lhes pertencia *por natureza*:

6. Ταῦτα δέ, ἀδελφοί, μετεσχημάτισα εἰς ἑμαυτὸν καὶ Ἀπολλῶν δι' ὑμᾶς, ἵνα ἐν ἡμῖν μάθητε τὸ μὴ ὑπὲρ ἃ γέγραπται, ἵνα¹¹ μὴ εἶς ὑπὲρ τοῦ ἐνόος φυσιοῦσθε¹² κατὰ τοῦ ἑτέρου.

¹¹Aqui cabem as palavras de Murachco (2003: 655): “Em geral encontramos o *subjuntivo* por causa da eventualidade latente no significado de ἵνα: *lá onde*, que não é uma localização precisa, indicativa, demonstrativa. Mas, se há uma idéia de *possível da afirmação* podemos encontrar o *optativo* (com ou sem ἄν); e se se insiste sobre a *realidade*, podemos encontrar o *indicativo*”. Este é o caso de “ἵνα... μὴ φυσιοῦσθε”.

¹²Bailly (2000: 2108) registra: “1. Φυσιώω-ῶ- rendre naturellement apte, disposer naturellement [...] (φύσις). 2. Φυσιώω-ῶ- enfler d’orgueil, de vanité (φῦσα).”

“1. Φυσιώω-ῶ- tornar naturalmente apto, dispor naturalmente [...] (φύσις). 2. Φυσιώω-ῶ- inchar de orgulho, de vaidade (φῦσα)”.

O sentido 2 associa-se ao verbo φυσάω-ῶ- inchar, soprar. No sentido 1, o período seria: “... para que não fiquéis {vos} dispondo um a favor de um contra o outro”.

Mas essas coisas, irmãos, transmutei completamente a mim mesmo e Apolo, por causa de vós, para que em nós aprendais o não {irdes} além das coisas que estão escritas, para que não fiquéis {vos} inchando um a favor de um contra o outro.

7. τίς γὰρ σε διακρίνει; τί δὲ ἔχεις ὃ οὐκ ἔλαβες; εἰ δὲ καὶ ἔλαβες, τί καυχᾶσαι ὡς μὴ λαβών;

Alguém, pois, te distingue? Que tens que não recebeste? Se também recebeste, por que gloriar{-te} como não tendo recebido? (*1Coríntios* 4.6-7).

Nesse contexto de divisões internas e de enfraquecimento de sua força *ética*¹³, surge a *ironia*:

ἤδη κεκορεσμένοι ἐστέ, ἤδη ἐπλουτήσατε, χωρὶς ἡμῶν ἐβασιλεύσατε·
 Já estais saciados¹⁴, já {vos} enriquecesteis, sem nós {vos} tornastes reis (*1Coríntios* 4.8),

completada em tom de derrisão:

ἡμεῖς μωροὶ διὰ Χριστόν, ὑμεῖς δὲ φρόνιμοι ἐν Χριστῷ· ἡμεῖς ἀσθενεῖς, ὑμεῖς δὲ ἰσχυροί· ὑμεῖς ἐνδοξοὶ, ἡμεῖς δὲ ἄτιμοι.

Nós {somos} tolos por causa de Cristo, mas vós, sensatos em Cristo; nós, fracos, vós, fortes; vós, ilustres, nós, sem honra (*1Coríntios* 4.10).

Em outra ocasião, na 2^a. *Epístola aos Coríntios*, os falsos apóstolos, mantendo forte influência sobre a comunidade, abalaram a confiança outrora depositada em Paulo, arruinando a sua autoridade. Como o seu *êthos* e o seu *lógos* foram postos em controvérsia:

¹³Empregamos o termo *ética* (de ἠθική) no sentido de *relativo ao êthos*.

¹⁴Destacamos, aqui, o particípio no aspecto *perfectum* κεκορεσμένοι, que indica *estado* da ação, *estais no estado de saciados*, o que reforça ainda mais a *ironia* do versículo.

— εἰ μὲν γὰρ ὁ ἐρχόμενος ἄλλον Ἰησοῦν κηρύσσει ὃν οὐκ ἐκηρύξαμεν, ἢ πνεῦμα ἕτερον λαμβάνετε ὃ οὐκ ἐλάβετε, ἢ εὐαγγέλιον ἕτερον ὃ οὐκ ἐδέξασθε, καλῶς ἀνέχεσθε

se, de fato, aquele que está chegando está anunciando outro Jesus que não anunciamos, ou estais recebendo outro espírito que não recebestes, ou estais suportando de bom grado outro bom-anúncio que não acolhestes (*2Coríntios* 11.4) —,

a sua resposta irônica veio como contra-ataque ao denominar os pseudo-apóstolos de “hiper-muito-apóstolos”, de “excessivamente-apóstolos”:

Λογίζομαι γὰρ μηδὲν ὑστερηκέναι τῶν ὑπερλίαν ἀποστόλων

Considero-me, pois, em nada ser inferior aos hiper-muito (excedentes) apóstolos (*2Coríntios* 11.5),

e também ao prestar “elogio” ao seu auditório:

ἡδέως γὰρ ἀνέχεσθε τῶν ἀφρόνων φρόνιμοι ὄντες, ἀνέχεσθε γὰρ εἴ τις ὑμᾶς καταδουλοῖ, εἴ τις κατεσθίει, εἴ τις λαμβάνει, εἴ τις ἐπαίρεται, εἴ τις εἰς πρόσωπον ὑμᾶς δέρει.

pois com prazer tolerais os insensatos, sensatos sendo {vós}, pois suportais se alguém vos está escravizando completamente, se alguém {vos} está comendo completamente (devorando), se alguém está tomando {de vós}, se alguém está se elevando {sobre vós}, se alguém vos está batendo no rosto (*2Coríntios* 11.19-20).

Acusado de espoliar a comunidade, direta ou indiretamente, mesmo após ter-se estabelecido na cidade às suas próprias custas e lá ter trabalhado para subsistência, Paulo ironiza diversas vezes, dizendo que não se portaria de modo oneroso à comunidade, quando fosse visitá-la novamente:

... ἁμαρτίαν ἐποίησα ἑμαυτὸν ταπεινῶν ἵνα ὑμεῖς ὑψωθῆτε, ὅτι δωρεὰν τὸ τοῦ θεοῦ εὐαγγέλιον εὐγγελισάμην ὑμῖν;

... {será que} cometi erro humilhando a mim mesmo, a fim de vós serdes exaltados, por que de graça o bom-anúncio do Deus vos anunciei? (*2Coríntios* 11.7);

τί γὰρ ἔστιν ὃ ἡσώθητε ὑπὲρ τὰς λοιπὰς ἐκκλησίας, εἰ μὴ ὅτι αὐτὸς ἐγὼ οὐ κατενάγκησα ὑμῶν; χάρισασθέ μοι τὴν ἀδικίαν ταύτην. Ἴδου τρίτον τοῦτο ἐτόίμως ἔχω ἐλθεῖν πρὸς ὑμᾶς, καὶ οὐ καταναρκήσω· οὐ

γὰρ ζητῶ τὰ ὑμῶν ἀλλὰ ὑμᾶς. οὐ γὰρ ὀφείλει τὰ τέκνα τοῖς γονεῦσιν
θησαυρίζει ἀλλὰ οἱ γονεῖς τοῖς τέκνοις.

Que coisa, pois, é que {vos} tornou inferiores sobre as demais igrejas, senão que eu mesmo não fui pesado a (não fui peso morto de) vós? Agradai-me essa injustiça!

Eis (vê) esta terceira {vez que} estou pronto para ir para junto de vós e não {vos} serei pesado; pois não busco as coisas de vós, pelo contrário, {busco}-vos, pois não deve os filhos aos genitores entesourar, mas os genitores, aos filhos (2^a Coríntios 12.13-14).

Em outro momento, contra essas mesmas insinuações, a força da *ironia* manifesta forte reprimenda:

Ἔστω δέ, ἐγὼ οὐ κατεβάρησα ὑμᾶς· ἀλλὰ ὑπάρχων πανοὔργος δόλω
ὑμᾶς ἔλαβον.

Seja, porém: eu não vos sobrecarreguei, mas, esperto sendo, com malícia (esperteza) vos tomei (2^a Coríntios 12.16).

Nesses exemplos, temos afirmações no enunciado que são negadas na enunciação, para expressar a crítica em razão de certo estado de coisas. É o sentido irônico que reduz a identidade ao menor grau e instaura a diferença máxima entre a opinião do orador e a do auditório: a figura atinge negativamente o *ethos* do outro.¹⁵

Em contexto, na situação em que o enunciado é produzido, a *ironia* alcança o sentido desejado, porque assume o tom de derrisão/zombaria (a subjetividade do orador fica bem evidente ao mostrar a sua não-aderência, o seu deslocamento quanto ao próprio discurso e o seu desacordo com o *ethos* do outro). O tropo marca a diferença entre os homens,

¹⁵Quando Bakhtin (2010) estuda *O discurso em Dostoiévski*, mostrando os tipos de discurso na prosa encontrados nas obras que analisa, ele associa a *ironia* à *paródia* em que “o autor fala a linguagem do outro, porém, . . . reveste essa linguagem de orientação semântica diametralmente oposta à orientação do outro. (...) O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes” (p. 221). E ainda: “Ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro, pois também nesses casos esse discurso é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis” (p. 222).

como se o sujeito aderisse aos discursos para melhor conseguir desviar-se desses discursos emprestados ao interlocutor e sobre os quais se ironiza ao mesmo tempo, sob a condição de que este último, ou um terceiro, compreenda esta distância (Meyer, 1998: 124).

Ao retomar o que o auditório pensa de si, a *ironia*, por inversão semântica, cria o efeito de oposição/diferença, sugerindo que aquilo que se pensa só o é para quem o discurso é dirigido e não para quem o está enunciando diretamente.¹⁶ De fato, empregada dialeticamente, ela “vise à désarmer l’adversaire en mettant les rires... au service de l’orateur”¹⁷ (Robrieux, 1993: 176).

É assim que o *T.A.* (p. 79-82) insere a *ironia* nas formas do ridículo, que pune a transgressão de algo que já fora anteriormente acordado. Ao tomar o lugar do outro, mostrando-lhe a ruptura feita quanto à opinião aceita, Paulo torna ridícula a postura desse seu auditório.

É digno de nota que o apóstolo em *1Coríntios* 4.8, excerto já citado, não permitiu que a censura permanecesse em forma de figura retórica (Meyer), de maneira que a sua intenção apenas fosse decifrável pelo exercício interpretativo. Pelo contrário, o sentido oposto que ele procurou provocar tornou-se evidente quando acrescentou:

ὄφελόν¹⁸ γε ἐβασιλεύσατε, ἵνα καὶ ἡμεῖς ὑμῖν συμβασιλεύσωμεν.

quem dera {vos} tornastes reis, para que também nós convosco venhamos a nos tornar reis juntos (*1Coríntios* 4.8b).

¹⁶ Como diz Ducrot (1987: 198): “Para que nasça a ironia, é necessário que toda marca de relato desapareça, é necessário ‘fazer como se’ este discurso fosse realmente sustentado na própria enunciação. Esta é a ideia que tento dar ao dizer que o locutor ‘faz ouvir’ um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como discurso de outra pessoa, como um discurso distanciado. A minha tese – mais exatamente, a minha versão da tese Sperber-Wilson – se formularia facilmente através da distinção do locutor e dos enunciadorees. Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressão da posição de um enunciador. Posição de que se sabe, por outro lado, que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais do que isso, que ele a considera absurda”.

¹⁷ “... visa a desarmar o adversário, colocando os risos... a serviço do orador”.

¹⁸ “... ὄφελον ἦν introducing a wish that something had taken place in the past... , without ἦν introducing a wish that something were so in the present...”,

“... ὄφελον ἦν é a introdução de um desejo de que algo tivesse acontecido no passado... ; sem ἦν, introdução de um desejo de que algo estivesse assim no presente...” (Lampe, In: *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG):

[http://www.tlg.uci.edu/demo/dictionary?word=O\)%2F%2FELON&uid=0&GreekFont=Unicode&GreekInputFont=Unicode&fromlist=Y&textsearch_id=6080651](http://www.tlg.uci.edu/demo/dictionary?word=O)%2F%2FELON&uid=0&GreekFont=Unicode&GreekInputFont=Unicode&fromlist=Y&textsearch_id=6080651)).

A partir disso, houve a exigência de uma releitura dos termos anteriores, isto é, o auditório foi convocado “à réinterpréter sa première conclusion après avoir écouté ou lu le dernier élément d’une coordination”¹⁹ (Eggs, 2008: 315).

Esse processo retórico, porém, apesar de instaurar o mais alto grau de diferença, tem claramente, em Paulo, o objetivo de reconstruir a identidade máxima, de reforçar as identidades fracas e/ou reduzir as diferenças fortes. Nesse sentido, a *ironia* é técnica pedagógica, pois quer *reconduzir* o auditório ao acordo inicial, exigindo-lhe a tomada de decisão.

Entretanto, cabe ressaltar que não há garantia alguma de pleno êxito pois, se de um lado não é possível determinar de antemão quais estratégias serão infalíveis, por outro lado os fundamentos das teses que se apresentam não são absolutos e nem conclusivos, não pertencem à racionalidade de matriz lógico-matemática ou positiva, não são regidos pela validade formal, não são perfeitos e definitivos; pelo contrário, são verdades relativas apenas *plausíveis*, situadas no tempo e no espaço, passíveis de transformações, sujeitas às conjunturas e instabilidades contextuais e históricas de toda natureza.

4 Considerações finais

Sobre a *ironia*, observou com pertinência Carrilho (2012, vol. II, p. 67) que ela “não impede, nem dissuade, nem desacredita as nossas convicções. Só diz uma coisa muito simples: que as nossas convicções são contingentes, portanto não têm a solidez das coisas eternas, perenes, como muitas vezes gostaríamos que tivessem...”.

Esse ponto permite-nos compreender que a *ironia* se enquadra inteiramente numa racionalidade argumentativa pautada não só pela rejeição dos absolutismos de qualquer espécie, como assume que a ambivalência é um traço constitutivo da “lógica natural” do discurso. Se, como Bauman (1991) assinalou, a modernidade se caracteriza por uma tentativa de expurgar a ambivalência em detrimento de uma visão demonstrativa da ordem pensada como certeza, a *ironia* aponta para a ideia de versões alternativas e obriga a enquadrar as questões de raciocínio no horizonte mais amplo do conflito das perspectivas. Nesse sentido ela inscreve-se bem no coração da racionalidade retórico-argumentativa, mostrando que o nível do raciocínio e da sua análise não pode ser dissociado do alinhamento retórico — profundamente situacional

¹⁹“... a réinterpréter sua primeira conclusão após ter escutado ou lido o último elemento de uma coordenação”.

— a partir do qual se raciocina. Dito de outra forma, mais do que à defesa de teses, a argumentação diz respeito a lidar com assuntos em questão; mais do que a raciocínios, ela remete para formas incontornavelmente perspectivadas de tematizar os assuntos e, finalmente, mais do que para resolutividades demonstrativas, o que nela é fulcral é a persistência da oposição que mantém em aberto o acesso ao problemático.

Se a *ironia* é muitas vezes solidária do riso é justamente porque rompe com o pensamento “dentro da caixa” e obriga a considerar horizontes e possibilidades interpretativas diferentes. Ela remete o discurso argumentativo para a sua natureza plural e perspectivística. É o oposto da unicidade e desafia as convicções ensimesmadas.

No fundo, o uso da *ironia* afirma: o raciocínio é bom, a perspectiva é que não é grande coisa. Como observa José Manuel Esteves (2009: 29), podemos falar de uma ruptura problematológica provocada pela *ironia*, com dois efeitos fundamentais:

por um lado, institui uma nova dimensão e perspectiva sobre o tema, que resulta diretamente da tensão e da oposição; por outro lado, prepara para a reordenação global do problema, que advém da abertura de uma nova possibilidade de argumentação e pensabilidade que só é concretizável após a ironização.

Como na *ironia* socrática, através da qual Sócrates aceitava como boas as definições inicialmente avançadas pelos interlocutores para, a partir daí, as questionar e abordar de uma forma problemática — o que, lembre-se, deixava por vezes tão indignados os interlocutores que estes pura e simplesmente se retiravam eivados de ofensa —, também o uso genérico da *ironia* provoca esse deslocamento do que é tido como assente para a necessidade de se ter de rever esse posicionamento. É claro que, quem faz uso da *ironia* tem ele próprio a possibilidade de introduzir novos argumentos e novos modos de raciocinar.

Mais do que uma figura de estilo, a *ironia* é a clareira do pensamento em que as convicções retornam à dúvida e em que o discurso se faz diálogo, afastando a seriedade monolítica e o carácter inevitável da “máquina lógica”. Diálogo como lugar de compreensão e de pesquisa, no qual se ensaia a concretização do possível e no qual a clausura das vias únicas é estilhaçada pela multiplicidade das versões; diálogo, afinal, em que o dogmatismo interpretativo é esvaziado pelo espectro da alteridade que ronda e em que a contingência se associa a uma imaginação inventiva que surpreende ou pode surpreender.

5 Referências

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Librairie Hachette, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed., São Paulo: Gen/Forense Universitária, 2010, p. 207-310.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernity and Ambivalence*. Policy Press in Association with Blackwell Publishers, Cambridge, 1991.

BITTENCOURT FILHO, Heitor. *Anotação sobre o texto grego da epístola de Tiago, com ênfase no aspecto e modo verbal, tema e argumentação*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco. São Paulo. 2003.

CARRILHO, Manuel Maria. *Pensar o Mundo* (Obras 1982-2012). 2 vols., Coimbra: Grácio Editor, 2012.

CROSSAN, John Dominic. *In search of Paul. How Jesus' apostle opposed Rome's Empire with god's kingdom*. New York: Harper Collins Publishers, 2005.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire*. Paris: Herman, 2003.

DUPRÉEL, Eugène. *Essais Pluralistes*. Paris: PUF, 1949.

EGGS, Ekkehard. Le pathos dans le discours - exclamation, reproche, ironie. In: RINN, Michael (Dir). *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes (PUR), 2008, p. 291-320.

ESTEVEZ, José Manuel. *Ironia e Argumentação*. Covilhã: LabCom, 2009.

FERREIRA, Moisés Olímpio. A persuasão em risco: As divergências de tradução dos aspectos verbais e as diferentes influências sobre o auditório. *Estudos Linguísticos*, vol. 38, n. 3, p. 509-519, 2009. ISSN 1413-093. URL: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_40.pdf.

FERREIRA, Moisés Olímpio. *Epístola de Paulo aos Efésios – proposta de leitura linear*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientador:

Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo, 2006, 531f. URL: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-23082007-131107/pt-br.php>.

KOESTER, Helmut. *Paul & his world: interpreting the New Testament in its context*. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: História, cultura e religião do período helenístico*. Tradução de Euclides Luiz Galloni, v. 1, São Paulo: Paulus, 2005a.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução de Euclides Luiz Galloni, v. 2, São Paulo: Paulus, 2005b.

LIDDELL, Henry Jorge; SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon*. Oxford: The Clarendon Press, 1992.

MEYER, Michel. Problématique: pour une rhétorique de la raison. In: LAMPEREUR, A. (dir). *L'homme et la rhétorique*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1990, p. 153-165.

MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução de Antônio Hall, Lisboa: Edições 70, 1998, (Nova Biblioteca 70).

MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, (Série Essencial), 2007.

MURACHCO, Henrique Graciano. *Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. 2. ed., Petrópolis: Editora Vozes/Discurso Editorial, v.1, 2003.

O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*. Tradução de Valdir Marques. São Paulo: Loyola/Paulus, 2007.

O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo: Biografia Crítica*. Tradução de Barbara Theoto Lambert, 2. ed., São Paulo: Loyola, 2004.

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2002.

PERELMAN, Chaïm. *O Império Retórico*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Edições Asa, 1993.

PLANTIN, Christian. *L'argumentation*. Collection Mémo, n. 23, Paris: Seuil, 1996.

ROBRIEUX, Jean-Jacques. *Éléments de Rhétorique et d'Argumentation*. Paris: Dunod, 1993.

The Greek New Testament (GNT), edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, and Allen Wikgren, in cooperation

with the Institute for New Testament Textual Research, Münster/Westphalia, Fourth Edition (with exactly the same text as the Nestle-Aland 27th Edition of the Greek New Testament), Copyright © 1966, 1968, 1975 by the United Bible Societies (UBS) and 1993, 1994 by Deutsche Bibelgesellschaft (German Bible Society), Stuttgart. *Software Bible Works*. Copyright © 1992-2003, Michael S. Bushell and Michael D. Tan.

6 Bibliografia consultada

GRÁCIO, Rui. *Racionalidade argumentativa*. Porto, ASA, 1993.

GRÁCIO, Rui. *Consequências da Retórica*. Para uma revalorização do múltiplo e do controverso. Coimbra, Pé de Página Editores, 1998.

GRÁCIO, Rui. *A interação argumentativa*. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

GRÁCIO, Rui. *Teorias da argumentação*. Coimbra, Grácio Editor, 2012.

MEYER, Michel. As bases da retórica. In: CARRILHO, Manuel Maria (Coord.). *Retórica e Comunicação*. Tradução de Fernando Martinho. Lisboa: Edições Asa, 1994, p. 31-70.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. *Revista Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, v. 9, p. 293-310, 2008.

OLÉRON, Pierre. *L'argumentation*. Col. "Que sais-je?", n. 2087, Paris: P.U.F., 1993.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 11, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

7 Anexos

I - Gálatas 2.15-21:

15. ἡμεῖς φύσει Ἰουδαῖοι καὶ οὐκ ἐξ ἐθνῶν ἁμαρτωλοί·

Nós, por natureza, {somos} judeus e não erradios dentre {os} gentios;

16. εἰδότες [δὲ] ὅτι οὐ δικαιοῦται ἄνθρωπος ἐξ ἔργων νόμου ἐὰν μὴ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ ἡμεῖς εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν ἐπιστεῦσαμεν, ἵνα

δικαιωθῶμεν ἐκ πίστεως Χριστοῦ καὶ οὐκ ἐξ ἔργων νόμου, ὅτι ἐξ ἔργων νόμου οὐ δικαιωθήσεται πᾶσα σάρξ.

{sois} sabedores (já tendes o saber) que {um} homem não é declarado justo a partir das obras de lei, senão por meio de Jesus Cristo; e nós a Cristo Jesus dirigimos fé, para que sejamos declarados justos a partir d{a} prova de Cristo e não a partir de obras de lei, porque a partir de obras de lei não será justificada toda (qualquer) carne;

17. εἰ δὲ ζητοῦντες δικαιωθῆναι ἐν Χριστῷ εὐρέθημεν καὶ αὐτοὶ ἁμαρτωλοί, ἄρα Χριστὸς ἁμαρτίας διάκονος; μὴ γένοιτο.

se procurantes sermos declarados justos em Cristo, também nos encontramos, {nós} mesmos, errados, será que Cristo ministro de erro {é}? {Que isso} não venha a ser!

18. εἰ γὰρ ἂ κατέλυσα ταῦτα πάλιν οἰκοδομῶ, παραβάτην ἑμαυτὸν συνιστάνω.

pois se as coisas que destruí, essas estou construindo de novo, estou constituindo a mim mesmo transgressor,

19. ἐγὼ γὰρ διὰ νόμου νόμῳ ἀπέθανον, ἵνα θεῶ ζήσω. Χριστῷ συνεσταύρωμαι·

pois eu, por meio de lei, morri para lei, a fim de viver para Deus. Com Cristo, fui (estou) posto na estaca (fui e estou crucificado);

20. ζῶ δὲ οὐκέτι ἐγώ, ζῆ δὲ ἐν ἐμοὶ Χριστός· ὁ δὲ νῦν ζῶ ἐν σαρκί, ἐν πίστει ζῶ τῆ τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ τοῦ ἀγαπήσαντός με καὶ παραδόντος ἑαυτὸν ὑπὲρ ἐμοῦ.

estou vivendo, porém, não mais eu, mas em mim está vivendo Cristo; aquilo que agora estou vivendo n{a} carne, n{a} prova estou vivendo, na do Filho do Deus, que me amou e que se entregou por sobre (em favor de) mim;

21. οὐκ ἀθετῶ τὴν χάριν τοῦ θεοῦ· εἰ γὰρ διὰ νόμου δικαιοσύνη, ἄρα Χριστὸς δωρεὰν ἀπέθανεν...

não estou violando (rejeitando) a graça do Deus, pois se por meio de lei {é} a} justiça, então Cristo morreu por dádiva (gratuitamente, à toa, em vão)...

II - 1Coríntios 1.10-15:

10. Παρακαλῶ δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τοῦ ὀνόματος τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ἵνα τὸ αὐτὸ λέγητε πάντες καὶ μὴ ἦ ἐν ὑμῖν σχίσματα, ἦτε δὲ κατηρτισμένοι ἐν τῷ αὐτῷ νοί καὶ τῇ αὐτῇ γνώμῃ.

Eu vos estou convocando ao lado (vos estou exortando), irmãos, por meio do nome do Senhor de nós, Jesus Cristo, para que a mesma coisa vades dizendo todos, e não haja entre vós divisões, estejais na condição de inteiramente prontos na mesma mente e na mesma opinião.

11. ἐδηλώθη γὰρ μοι περὶ ὑμῶν, ἀδελφοί μου, ὑπὸ τῶν Χλόης ὅτι ἔριδες ἐν ὑμῖν εἰσιν.

Foi-me, pois, relatado a respeito de vós, irmãos de mim, pelos de Cloé, que contendias entre vós há.

12. λέγω δὲ τοῦτο ὅτι ἕκαστος ὑμῶν λέγει· ἐγὼ μὲν εἰμι Παύλου, ἐγὼ δὲ Ἀπολλῶ, ἐγὼ δὲ Κηφᾶ, ἐγὼ δὲ Χριστοῦ.

Estou dizendo isso, porque cada de um vós está dizendo: Eu sou de Paulo; eu, de Apolo; eu, de Cefas; eu, de Cristo.

13. μεμέρισται ὁ Χριστός; μὴ Παῦλος ἐσταυρώθη ὑπὲρ ὑμῶν, ἢ εἰς τὸ ὄνομα Παύλου ἐβαπτίσθητε;

O Cristo foi/está partido? Paulo foi posto na estaca a favor de vós? Ou ao nome de Paulo fostes mergulhados (batizados)?

14. εὐχαριστῶ [τῷ θεῷ] ὅτι οὐδένα ὑμῶν ἐβάπτισα εἰ μὴ Κρίσπον καὶ Γάϊον, Dou graças [ao Deus] porque nenhum de vós mergulhei (batizei), senão Crispo e Gaio,

15. ἵνα μὴ τις εἴπῃ ὅτι εἰς τὸ ἐμὸν ὄνομα ἐβαπτίσθητε. . .

para que alguém não venha a dizer que ao meu nome fostes mergulhados (batizados). . .

III - 1Coríntios 4.1-15:

1. οὕτως ἡμᾶς λογιζέσθω ἄνθρωπος ὡς ὑπηρέτας Χριστοῦ καὶ οἰκονόμους μυστηρίων θεοῦ

Assim, nos vá considerando {o} homem, como remadores inferiores de Cristo e ecônomos de mistérios de Deus;

2. ὧδε λοιπὸν ζητεῖται ἐν τοῖς οἰκονόμοις, ἵνα πιστός τις εὑρεθῇ.

além disso, está-se à busca entre os ecônomos, para que algum seja encontrado fiel.

3. ἐμοὶ δὲ εἰς ἐλάχιστόν ἐστιν, ἵνα ὑφ' ὑμῶν ἀνακριθῶ ἢ ὑπὸ ἀνθρωπίνης ἡμέρας· ἀλλ' οὐδὲ ἐμαυτὸν ἀνακρίνω.

A mim, porém, coisa mínima há, para que por vós {eu} seja julgado, ou por {um} dia {de julgamento} humano; pelo contrário, nem a mim mesmo estou julgando,

4. οὐδὲν γὰρ ἐμαυτῷ σύννοια, ἀλλ' οὐκ ἐν τούτῳ δεδικαίωμα, ὁ δὲ ἀνακρίνων με κύριός ἐστιν

pois de nada tenho ciência (não estou consciente de nada), mas nisso não fui (estou) justificado; aquele que me julga é o Senhor,

5. ὥστε μὴ πρὸ καιροῦ τι κρίνετε ἕως ἄν ἔλθῃ ὁ κύριος, ὃς καὶ φωτίσει τὰ κρυπτά τοῦ σκότους καὶ φανερώσει τὰς βουλὰς τῶν καρδιῶν· καὶ τότε ὁ ἔπαινος γενήσεται ἐκάστῳ ἀπὸ τοῦ θεοῦ.

de modo que, não vades julgando coisa alguma antes do tempo oportuno, até que o Senhor venha, o qual também iluminará as coisas ocultas da escuridão e manifestará as vontades (os desígnios) dos corações e, então, o louvor virá a ser a cada um da parte do Deus.

6. Ταῦτα δέ, ἀδελφοί, μετεσχημάτισα εἰς ἑμαυτὸν καὶ Ἀπολλῶν δι' ὑμᾶς, ἵνα ἐν ἡμῖν μάθητε τὸ μὴ ὑπὲρ ἃ γέγραπται, ἵνα μὴ εἷς ὑπὲρ τοῦ ἐνὸς φυσιοῦσθε κατὰ τοῦ ἐτέρου.

Mas essas coisas, irmãos, transmutei completamente para mim mesmo e para Apolo por causa de vós, para que em nós aprendais o não {irdes} além das coisas que estão escritas, para que não {vos} incheis a favor de um contra o outro.

7. τίς γάρ σε διακρίνει; τί δὲ ἔχεις ὃ οὐκ ἔλαβες; εἰ δὲ καὶ ἔλαβες, τί καυχᾶσαι ὡς μὴ λαβῶν;

Alguém, pois, te distingue? Que tens que não recebeste? Se também recebeste, por que gloriar{-te} como não tendo recebido?

8. ἤδη κεκορεσμένοι ἐστέ, ἤδη ἐπλουτήσατε, χωρὶς ἡμῶν ἐβασιλεύσατε· ὄφελόν γε ἐβασιλεύσατε, ἵνα καὶ ἡμεῖς ὑμῖν συμβασιλεύσωμεν

Já estais saciados, já {vos} enriquecesteis, sem nós {vos} tornastes reis; quem dera {vos} tornastes reis, para que também nós convosco venhamos a nos tornar reis juntos,

9. δοκῶ γάρ, ὃ θεὸς, ἡμᾶς τοὺς ἀποστόλους ἐσχάτους ἀπέδειξεν ὡς ἐπιθανατίους, ὅτι θέατρον ἐγενήθημεν τῷ κόσμῳ καὶ ἀγγέλῳ καὶ ἀνθρώποις.

Penso, pois, {que} o Deus nos expôs, os últimos enviados (apóstolos), como sentenciados à morte, porque teatro viemos a ser ao mundo e a anjos e a homens.

10. ἡμεῖς μωροὶ διὰ Χριστόν, ὑμεῖς δὲ φρόνιμοι ἐν Χριστῷ· ἡμεῖς ἀσθενεῖς, ὑμεῖς δὲ ἰσχυροί· ὑμεῖς ἐνδοξοὶ, ἡμεῖς δὲ ἄτιμοι.

Nós {somos} tolos por causa de Cristo, mas vós, sensatos em Cristo; nós, fracos, vós, fortes; vós, ilustres, nós, sem honra (infames);

11. ἄχρι τῆς ἄρτι ὥρας καὶ πεινώμεν καὶ διψῶμεν καὶ γυμνιτεύομεν καὶ κολαφιζόμεθα καὶ ἀστατοῦμεν

até a hora de agora não só temos fome mas também temos sede e estamos nus e somos esbofeteados e estamos instáveis,

12. καὶ κοπιῶμεν ἐργαζόμενοι ταῖς ἰδίαις χερσίν· λειδορούμενοι εὐλογοῦμεν, διωκόμενοι ἀνεχόμεθα

e cansamos, trabalhadores com as próprias mãos. Sendo insultados, bendizemos; sendo perseguidos, suportamos;

13. δυσφημούμενοι παρακαλοῦμεν· ὡς περικαθάρματα τοῦ κόσμου ἐγενήθημεν, πάντων περίψημα ἕως ἄρτι.

sendo difamados, chamamos junto (exortamos); como coisas de limpeza do mundo nos tornamos; de todas as coisas, refugio (escória), até agora.

14. οὐκ ἐντρέπων ὑμᾶς γράφω ταῦτα ἀλλ' ὡς τέκνα μου ἀγαπητὰ νουθετῶ[ν]

Não mudante (virante para outro lado) vos estou escrevendo essas coisas; ao contrário, como filhos amados de mim, ponho [pondo] juízo,

15. ἐὰν γὰρ μυρίους παιδαγωγοὺς ἔχητε ἐν Χριστῷ ἀλλ' οὐ πολλοὺς πατέρας· ἐν γὰρ Χριστῷ Ἰησοῦ διὰ τοῦ εὐαγγελίου ἐγὼ ὑμᾶς ἐγέννησα. . .

pois se tiverdes dez mil pedagogos (educadores) em Cristo, ao contrário, não {tereis} muitos pais, pois em Cristo Jesus, por meio do bom-anúncio, eu vos gerei. . .

IV - 2Coríntios 11.1-20:

1. Ὅφελον ἀνείχεσθέ μου μικρόν τι ἀφροσύνης· ἀλλὰ καὶ ἀνέχεσθέ μου.

Quem dera estivésseis suportando de mim algo pequeno (um pouco) de insensatez; pelo contrário, ainda estais suportando de mim!

2. ζηλῶ γὰρ ὑμᾶς θεοῦ ζήλω, ἡρμოსάμην γὰρ ὑμᾶς ἐνὶ ἀνδρὶ παρθένου ἀγνήν παραστήσαι τῷ Χριστῷ·

Estou zelando-vos, pois, com zelo de Deus, pois vos ajustei (vos preparei) para um só homem (marido), {como uma} jovem virgem, pura, para {-vos} pôr ao lado de Cristo;

3. φοβοῦμαι δὲ μή,²⁰ πως, ὡς ὁ ὄφις ἐξηπάτησεν Εὐάν ἐν τῇ πανουργίᾳ αὐτοῦ, φθαρή τὰ νοήματα ὑμῶν ἀπὸ τῆς ἀπλότητος καὶ τῆς ἀγνότητος τῆς εἰς τὸν Χριστόν

porém, estou com medo de {que}, de algum modo, como a serpente enganou completamente Eva na astúcia dela, as mentes de vós sejam corrompidas da simplicidade e da pureza, a {que é} para o Cristo,

4. εἰ μὲν γὰρ ὁ ἐρχόμενος ἄλλον Ἰησοῦν κηρύσσει ὃν οὐκ ἐκηρύξαμεν, ἢ πνεῦμα ἕτερον λαμβάνετε ὃ οὐκ ἐλάβετε, ἢ εὐαγγέλιον ἕτερον ὃ οὐκ ἐδέξασθε, καλῶς ἀνέχεσθε.

se, de fato, aquele que está chegando está anunciando outro Jesus que não anunciamos, ou estais recebendo outro espírito que não recebestes, ou estais suportando de bom grado outro bom-anúncio que não recebestes.

²⁰O μή do versículo está ligado ao sentido de φοβοῦμαι. e não é traduzido. É comum encontrarmos esse advérbio associado a verbos que indicam *medo*, *aprensão*, *hesitação*.

5. Λογίζομαι γὰρ μηδὲν ὑστερηκέναί τῶν ὑπερλίαν ἀποστόλων

Considero-me, pois, em nada ser inferior aos hiper-muito (aos excedentes) apóstolos,

6. εἰ δὲ καὶ ἰδιώτης τῷ λόγῳ ἄλλ' οὐ τῇ γνώσει, ἄλλ' ἐν παντὶ φανερώσαντες ἐν πᾶσιν εἰς ὑμᾶς

e se {sou} restrito (particular) na palavra, ao contrário, não no conhecimento; mas em tudo que manifestamos {o conhecimento}, {manifestamo-lo} a vós entre todos,

7. ἢ ἁμαρτίαν ἐποίησα ἑμαυτὸν ταπεινῶν ἵνα ὑμεῖς ὑψωθῆτε, ὅτι δωρεὰν τὸ τοῦ θεοῦ εὐαγγέλιον εὐηγγελισάμην ὑμῖν;

ou {será que} cometi erro humilhando a mim mesmo a fim de vós serdes exaltados, por que de graça o bom-anúncio do Deus vos anunciei?

8. ἄλλας ἐκκλησίας ἐσύλησα λαβῶν ὀψώνιον πρὸς τὴν ὑμῶν διακονίαν

Outras igrejas espoliei, tendo recebido soldo para o serviço de vós

9. καὶ παρῶν πρὸς ὑμᾶς καὶ ὑστερηθεὶς οὐ κατενάρκησα οὐθενός· τὸ γὰρ ὑστέρημά μου προσανεπλήρωσαν οἱ ἀδελφοὶ ἐλθόντες ἀπὸ Μακεδονίας, καὶ ἐν παντὶ ἀβαρῆ ἑμαυτὸν ὑμῖν ἐτήρησα καὶ τηρήσω.

e quando estava presente junto de vós, mesmo tendo estado em necessidade, não me tornei peso de ninguém, pois a necessidade de mim encheram para além (supriram além do necessário) os irmãos que vieram da Macedônia, e em tudo não {sendo} pesado a vós guardei a mim mesmo e {me} guardarei.

10. ἔστιν ἀλήθεια Χριστοῦ ἐν ἐμοὶ ὅτι ἡ καύχησις αὐτῆ οὐ φραγήσεται εἰς ἐμὲ ἐν τοῖς κλίμασιν τῆς Ἀχαΐας.

{A} verdade de Cristo está em mim, por que essa glorificação não me será obstruída (impedida) nos declives (regiões) da Acaia.

11. διὰ τί; ὅτι οὐκ ἀγαπῶ ὑμᾶς; ὁ θεὸς οἶδεν.

Por que razão? Por que não vos continuo a amar? O Deus sabe.

12. Ὁ δὲ ποιῶ, καὶ ποιήσω, ἵνα ἐκκόψω τὴν ἀφορμὴν τῶν θελούντων ἀφορμὴν, ἵνα ἐν ᾧ καυχῶνται εὐρεθῶσιν καθὼς καὶ ὑμεῖς

O que estou fazendo também continuarei fazendo, para que {eu} corte o pretexto dos que querem pretexto, para que naquilo em que se gloriam sejam achados tanto quanto nós,

13. οἱ γὰρ τοιοῦτοι ψευδαπόστολοι, ἐργάται δόλιοι, μετασχηματιζόμενοι εἰς ἀποστόλους Χριστοῦ

pois os tais {são} pseudoapóstolos, trabalhadores dolosos, transmutantes para apóstolos de Cristo,

14. καὶ οὐ θαῦμα· αὐτὸς γὰρ ὁ σατανᾶς μετασχηματίζεται εἰς ἄγγελον φωτός.

e {isso} não {é} coisa admirável, pois o próprio Satanás transmuta-se para anjo de luz.

15. οὐ μέγα οὖν εἰ καὶ οἱ διάκονοι αὐτοῦ μετασχηματίζονται ὡς διάκονοι δικαιοσύνης· ὧν τὸ τέλος ἔσται κατὰ τὰ ἔργα αὐτῶν.

Não {é}, portanto, grande coisa se também os servos dele se transmutam para servos de justiça, dos quais o fim será segundo as obras deles.

16. πάλιν λέγω, μή τις με δόξη ἄφρονα εἶναι· εἰ δὲ μή γε, κἂν ὡς ἄφρονα δέξασθῆ με, ἴνα κἀγὼ μικρόν τι καυχῆσωμαι.

De novo estou dizendo: ninguém tenha opinião {de} eu ser sem juízo; mas se não {for assim}, também como sem juízo recebei-me, a fim de que também eu de alguma pequena coisa me glorie.

17. ὁ λαλῶ, οὐ κατὰ κύριον λαλῶ ἀλλ' ὡς ἐν ἀφροσύνη, ἐν ταύτῃ τῇ ὑποστάσει τῆς καυχήσεως.

O que estou falando, não de acordo com {o} Senhor estou falando; pelo contrário, como em insensatez nesse fundamento(> coragem²¹) da glorificação;

18. ἐπεὶ πολλοὶ καυχῶνται κατὰ σάρκα, κἀγὼ καυχῆσομαι.

uma vez que muitos se gloriam segundo a carne, eu também me gloriarei,

19. ἡδέως γὰρ ἀνέχεσθε τῶν ἀφρόνων φρόνιμοι ὄντες·

pois com prazer tolerais os insensatos, sensatos sendo,

20. ἀνέχεσθε γὰρ εἴ τις ὑμᾶς καταδουλοῖ, εἴ τις κατεσθίει, εἴ τις λαμβάνει, εἴ τις ἐπαίρεται, εἴ τις εἰς πρόσωπον ὑμᾶς δέρει.

pois suportais se alguém vos está escravizando completamente, se alguém {vos} está comendo completamente (devorando), se alguém está tomando {de vós}, se alguém está se elevando {sobre vós}, se alguém vos está batendo no rosto.

V - 2Coríntios 12.13-19:

13. τί γάρ ἐστιν ὃ ἠσσωθήτε ὑπὲρ τὰς λοιπὰς ἐκκλησίας, εἰ μὴ ὅτι αὐτὸς ἐγὼ οὐ κατενάρχησα ὑμῶν; χάρισασθέ μοι τὴν ἀδικίαν ταύτην.

Que coisa, pois, é que {vos} tornou inferiores sobre as demais igrejas, senão que eu mesmo não fui pesado a (não fui peso morto de) vós? Agradai-me essa injustiça!

²¹Como afirma Bailly (2000: 2032) a respeito de ὑπόστασις: "(...) II. Au moral ce qui est au fond de l'âme, fermeté, sang-froid, confiance, courage (...)".

14. Ἴδου τρίτον τοῦτο ἐτοίμως ἔχω ἐλθεῖν πρὸς ὑμᾶς, καὶ οὐ καταναρκήσω· οὐ γὰρ ζητῶ τὰ ὑμῶν ἀλλὰ ὑμᾶς. οὐ γὰρ ὀφείλει τὰ τέκνα τοῖς γονεῦσιν θησαυρίζειν ἀλλὰ οἱ γονεῖς τοῖς τέκνοις.

Eis (vê) esta terceira {vez que} estou pronto para ir para junto de vós e não {vos} serei pesado; pois não busco as coisas de vós, pelo contrário, {busco}-vos, pois não deve os filhos aos genitores entesourar, mas os genitores, aos filhos.

15. ἐγὼ δὲ ἥδιστα δαπανήσω καὶ ἐκδαπανηθήσομαι ὑπὲρ τῶν ψυχῶν ὑμῶν. εἰ περισσοτέρως ὑμᾶς ἀγαπῶ[ν], ἦσσον ἀγαπῶμαι;

Eu, porém, muito agradavelmente gastarei e serei completamente gasto a favor das almas de vós. Se mais em excesso vos estou amando, menos estou sendo amado?

16. ἔστω δέ, ἐγὼ οὐ κατεβάρησα ὑμᾶς· ἀλλὰ ὑπάρχων πανοῦργος δόλω ὑμᾶς ἔλαβον,

Seja, porém: eu não vos sobrecarreguei, mas, esperto sendo, com malícia (esperteza) vos tomei.

17. μή²² τινα ὧν ἀπέσταλκα πρὸς ὑμᾶς, δι' αὐτοῦ ἐπλεονέκτησα ὑμᾶς;

Em relação a algum dos que envie para vós, por meio dele tive ganho sobre vós?

18. παρεκάλεσα Τίτον καὶ συναπέστειλα τὸν ἀδελφόν· μήτι ἐπλεονέκτησεν ὑμᾶς Τίτος; οὐ τῷ αὐτῷ πνεύματι περιεπατήσαμεν; οὐ τοῖς αὐτοῖς ἔχνεσιν;

Chamei ao lado (convoquei) Tito e junto enviei o irmão. Tito tirou vantagem de vós? Não circulamos com o mesmo espírito? Não com as mesmas pisadas?

19. Πάλαι δοκεῖτε ὅτι ὑμῖν ἀπολογούμεθα. κατέναντι θεοῦ ἐν Χριστῷ λαλοῦμεν· τὰ δὲ πάντα, ἀγαπητοί, ὑπὲρ τῆς ὑμῶν οἰκοδομῆς.

²²O uso do μή precisa de explicação. Liddell-Scott (1992) afirmam:

“In questions: a. with Ind., implying a negat. answer, *surely not, you don't mean to say that*, Lat. num? whereas with οὐ an affirm. answer is expected, Lat. nonne? (...) ἄρα μὴ τέθνηκε; *surely he is not dead, is he?*”

“Em questões: a. com indicativo, implicando uma resposta negativa, *certamente não, você não quer dizer que*, Lat. num? Entretanto com οὐ uma resposta afirmativa é esperada, Lat. nonne? (...) ἄρα μὴ τέθνηκε; *certamente ele não está morto, está?*”.

Por essa definição, μή, que é o advérbio de negação *não*, de caráter volitivo/eventual, pode ser traduzido como *porventura, acaso*, ou simplesmente ser desconsiderado nas situações acima indicadas.

Há tempo tendes o parecer que a vós {nós nos} defendemos. {Diante} de Deus em Cristo estamos falando, mas todas as coisas, amados, a favor da edificação de vós.

Recebido em: 21/12/2012

Aceito em: 06/02/2013
